

Raiz

Semear (mai—ago)



RAIZ é a revista-agenda do Clube Raiz, um programa da Braga 25 Capital Portuguesa da Cultura.

Neste segundo número, continuamos a promover e a dar voz ao universo da música de raiz do concelho de Braga e da região do Minho através de um programa estruturado nos eixos da música, do pensamento e da partilha. No Clube Raiz, privilegiamos o encontro, construímos pontes e potenciamos o diálogo entre as diversas vertentes de uma identidade cultural única, enraizada na tradição e enriquecida pela contemporaneidade.

O Clube Raiz prossegue, assim, com a valorização da identidade minhota dentro da comunidade e a sua promoção junto de um alargado espectro de audiências, composto por diferentes faixas etárias e múltiplos contextos sociais. Renovamos ainda o convite a todas as regiões portuguesas e aos nossos vizinhos galegos para se juntarem ao clube.

Agora que os dias são longos e as tardes amenas, vamos para a rua celebrar o nosso património cultural nas suas expressões mais populares. Venham as festas, os festivais, as feiras, as arruadas e os arraiais. Venham as romarias, as procissões e todas as celebrações.

E para abrir em grande o verão, nada melhor que o nosso rico São João.

Agenda

GASTRONOMIA / CONVERSA / MÚSICA

Roda da Tradição

ESPAÇO DA COMISSÃO DE FESTAS
DA NOSSA SENHORA DO CARMO, CUNHA
SÁBADO, 14 JUNHO 2025
ENTRADA LIVRE, COM PRÉ-INScrição PARA A
PARTICIPAÇÃO NO EVENTO E PARA A CONFEÇÃO DO PRATO
GASTRONÓMICO (INScrição EM BRAGA25.PT)

14:30 - ABERTURA COMER A PAISAGEM -
GASTRONOMIA COM RUI LEMOS SOUZA
15:30 - CONVERSEMOS SOBRE: "MÚSICA TRADICIONAL
PORTUGUESA: DE ONDE VIEMOS E PARA ONDE VAMOS?"
17:00 - APRESENTAÇÃO COMER A PAISAGEM -
GASTRONOMIA COM RUI LEMOS SOUZA
18:00 - ATUAÇÃO DO GRUPO CANTO D'AQUI

FESTA / ROMARIA

São João de Braga

17 A 24 JUNHO 2025

MÚSICA

Arruada Clube Raiz

Percussão comunitária
bracarense em
movimento

PERCURSO: ARCO DA PORTA NOVA → RUA
DO SOUTO → PRAÇA DA REPÚBLICA
QUINTA (FERIADO), 19 JUNHO 2025 – 15:30
INSERIDO NO SÃO JOÃO DE BRAGA

MÚSICA

Ana Lua Caiano + Bandua

AVENIDA CENTRAL
SEXTA, 20 JUNHO 2025 – 21:30
ENTRADA LIVRE
INSERIDO NO SÃO JOÃO DE BRAGA

MÚSICA

XV Edição Festival Castro Galaico – Música e Tradição

MONTE DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO, NOGUEIRÓ
10, 11 E 12 JULHO 2025
(CONSULTAR PROGRAMA NA PÁG. 39)

MÚSICA

Sons do Noroeste – Festival de Música

VÁRIOS LOCAIS, BRAGA
12, 20, 23, 24 E 25 JULHO 2025
(CONSULTAR PROGRAMA NA PÁG. 43)

sáb, 14 jun

Espaço da Comissão de Festas da Nossa Senhora do Carmo, Cunha

Roda da Tradição

A par da música, o ato de partilhar assume um papel central no Clube Raiz e, por isso, cada evento é pensado como uma experiência coletiva única. Temos como compromisso a construção de uma comunidade unida na paixão pela cultura minhota, onde todas as pessoas são convidadas a partilhar não apenas música, mas também as tradições, histórias, memórias e costumes que moldam a nossa identidade. Para reforçar esta rede de afinidades e fortalecer os laços comunitários do nosso território, o Clube Raiz viaja por quatro freguesias do concelho de Braga e propõe um conjunto de quatro encontros que, juntam à mesma mesa, uma conversa aberta sobre música tradicional, os sabores da cozinha regional, confeccionados pelo Chef Rui Lemos Souza e pela comunidade, e uma atuação informal de um grupo musical bracarense. Depois de uma passagem pela Casa dos Carvalhos, em Padim da Graça, viajamos até à freguesia de Cunha, na extremidade sudoeste do concelho de Braga, para a segunda edição da Roda da Tradição, onde há sempre lugar para mais um, com talheres na mão ou com um instrumento musical.

Programa:

- 14:30 – Abertura Comer a paisagem – Gastronomia com Rui Lemos Souza
- 15:30 – Conversemos sobre: “Música tradicional portuguesa: de onde viemos e para onde vamos?”
- 17:00 – Apresentação Comer a paisagem – Gastronomia com Rui Lemos Souza
- 18:00 – Atuação do grupo Canto D’Aqui

ENTRADA LIVRE (PRÉ-INSCRIÇÃO ACONSELHADA PARA A PARTICIPAÇÃO NA RODA DA TRADIÇÃO
INSCRIÇÃO OBRIGATÓRIA PARA A CONFEÇÃO DO PRATO GASTRONÓMICO NA ATIVIDADE
COMER A PAISAGEM – INSCRIÇÃO EM BRAGA25.PT) PARCEIROS DESCENTRAR BRAGA, JUNTA
DE FREGUESIA DE ARENTIM E CUNHA, COMISSÃO DE FESTAS DA NOSSA SENHORA DO CARMO,
GRUPO CANTO D’AQUI



Comer a paisagem

com Chef Rui Lemos Souza

Nestes encontros, o cozinheiro Rui Lemos Souza desafia a comunidade a juntar-se a ele para redescobrir da gastronomia minhota, ajudando-o a elaborar um prato ou petisco tradicional. No primeiro encontro de Comer a Paisagem, em Padim da Graça, descobrimos as papas da Dona Elvira que, juntamente com o Chef Rui Lemos Souza e um grupo voluntário de participantes, confeccionaram um dos mais típicos pratos do Minho para uma centena de pessoas. Aprendemos também a fazer bolos de carne, em forno de lenha, à moda do Chef.

A cada freguesia, renovamos o convite a comer a paisagem, mas também a contemplá-la e a bebê-la. Hoje, em tempos de total vertigem, quase perdemos a capacidade de parar e olhar, de parar e comer, de parar e contemplar. E o que é contemplar se não fazermos-nos paisagem também? Seja ao pé do fogo, no revolto das ervas ou à beira-rio, o ato de parar para comer é por si um ritual de partilha, de vagar, de conversas e cantorias. Tudo isto parece contraditório com o que vivemos hoje e é por isso que o queremos contradizer também. E porque menos com menos dá mais, contrariemos esse contraditório: ser paisagem, existir nela, comer em pé, desabafar à mesa.

Venham provar uns petiscos feitos por e para a comunidade.

Venham, mas com vagar.

QUERES COZINHAR COM O CHEF RUI LEMOS SOUZA E COM A COMUNIDADE?
JUNTA-TE À CONFEÇÃO DO PRATO GASTRONÓMICO, APRENDE E PARTILHA O TEU SABER
INSCREVE-TE EM BRAGA25.PT VAGAS LIMITADAS

Rui Lemos Souza é
cozinheiro, compositor,
performer, artista visual
e investigador.



Conversemos sobre: “Música tradicional portuguesa: de onde viemos e para onde vamos?”

com Francisco Malheiro, Sara Yasmine,
António Sérgio e José Moças

À mesa, enquanto aguardamos pela gastronomia minhota, o Clube Raiz propõe conversarmos sobre o passado e o futuro da música tradicional portuguesa. A partir de uma reflexão sobre “de onde viemos e para onde vamos?”, sentados partilhámos mesa com o músico Francisco Malheiro, nome incontornável da música tradicional portuguesa, a música Sara Yasmine, de Retimbrar e Sopa da Pedra, o músico António Sérgio, que conhecemos também de Retimbrar, entre muitos outros projetos, e José Moças, fundador da editora Tradisom, investigador e colecionador de música. Esta mesa-redonda insere-se no ciclo de conversas do Clube Raiz, num espaço dedicado à reflexão e à partilha de ideias sobre as raízes culturais e musicais do nosso país. A moderação está a cargo de Armando Sousa, arquivista e programador na Fonoteca Municipal do Porto. Um convite para mergulhar nas sonoridades tradicionais e compreender o seu papel como elo entre passado e presente.

→ Participantes


António Sérgio é membro nuclear dos daguida e líder do coletivo Retimbrar. Participou em discos e/ou concertos de Bernardo Sasseti, Clá, Dead Combo, Deolinda, Manel Cruz, Mão Verde, Nuno Prata, Orquestra Jazz de Matosinhos e Sérgio Godinho. Com a Ondamarela, a Revolução d’ Alegria e o Serviço Educativo da Casa da Música desenvolve projetos comunitários, como a Stopestra (Porto), “Som Daqui” – Rota do Românico (Penafiel), Orquestra ACT (Porto), Orquestra da Bida Airada (Ílhavo), Real

Confraria do Canto Arouquense (Arouca) e Corpo Metropolitano (Área Metropolitana do Porto), entre outros.

Francisco Malheiro, natural de Vila Verde, é um nome incontornável da música tradicional portuguesa, inevitavelmente indissociável do Grupo de Acção Cultural RAÍZES. Instrumentista multifacetado, entregue de corpo e alma à causa da música do povo, iniciou seu percurso musical por influência do seu Pai, integrando nessa altura os grupos folclóricos de Vila Verde

até 1980, ano em que viria a nascer o RAÍZES.

José Moças, natural do Alentejo, fundou a editora Tradisom no ano de 1992 quando esteve a trabalhar em Macau. Considerado especialista no estudo, recuperação e edição de fontes históricas de música, é também um notório colecionador de discos de 78 rotações. Do programa editorial da Tradisom constam edições de fado e música tradicional portuguesa e suas variantes espalhadas pelo mundo, mas também música clássica, poesia e outros.



→ Moderação

Armando Sousa é arquivista e programador na Fonoteca Municipal do Porto, onde dinamiza uma coleção de discos de vinil através de atividades multidisciplinares, entrevistas e sessões de escuta. A sua relação com a música transcende, no entanto, as quatro paredes e as dezenas de milhares de discos que ocupam o seu dia a dia. Neste sentido, a sua formação em História e o seu interesse por aspetos sociais e culturais levaram-no a desenvolver trabalhos acerca do papel da música nas relações entre esfera pública e privada, bem como daquela com as elites políticas.

Sara Yasmine é formadora, autora e intérprete na área da música. Tem como projetos musicais centrais os coletivos Retimbrar e Sopa de Pedra, dois grupos de uma nova geração que se inspira e trabalha a música tradicional portuguesa. Dirige projetos musicais criativos, como a Real Confraria do Canto Arouquense, uma orquestra comunitária cofundada em 2018. Atuou, gravou e/ou compôs para/ com grupos como a Ensemble de Gamelão Casa da Música ou Clã e artistas como Manel Cruz, Catarina Carvalho Gomes, Homem em Catarse e Emmy Curl.

Canto D'Aqui

Cantares daqui e dali

Enquanto posam para a sessão fotográfica de onde saiu a imagem que ilustra estas páginas, os quatro elementos do grupo Canto D'Aqui, com quem marcamos encontro, começam a cantar numa harmonia perfeita e desarmante. Percebe-se que há algo que funciona de forma inata.

Formado em 1984, o Canto D'Aqui é composto por homens e mulheres, num grupo que mantém a vitalidade e em que renovação é a palavra-chave. Ao longo destas décadas, a atividade do grupo vai para além da música, dinamizando festivais como o Castro Galaico ou o Convergências. “A renovação do grupo é um mistério”, reflete Jaime Torres, um dos três fundadores do grupo que atualmente une diferentes gerações e cancioneiros. Este é um labor de salvaguarda das tradições e das canções tradicionais. O Canto D'Aqui destaca-se como sendo um dos mais importantes no país. O grupo “tem a função de resgatar do esquecimento um património imaterial”, explica-nos Miguel Oliveira, que entrou no grupo muito jovem, tocando cavaquinho. “Mostramos o que é nosso e procuramos a valorização da cultura portuguesa”, refere.

O Canto D'Aqui toca por todas as regiões do país e faz recolha de temas tradicionais em todo o território nacional. Como nos conta Jaime Torres, “os espetáculos do grupo são uma verdadeira volta musical a Portugal”. Podem começar pelo Minho e terminar nas ilhas dos Açores e da Madeira.

Ensaiam quando têm concertos, que são sempre experiências diferentes. “Escolhemos o repertório e ensaiamos” dizem. A formação com que se apresentam nos concertos também vai variando, sendo que, atualmente, o grupo tem 11 elementos efetivos. Poderão vê-los, ao vivo, na edição de 2025 do Castro Galaico, em Braga, onde tocam no dia de encerramento do festival, a 12 de julho.





Fundado em 1984, o grupo Canto D'Aqui tem focado a sua atividade na recolha e preservação das tradições musicais de todas as regiões de Portugal. É às raízes mais profundas que o grupo vai trazendo para o presente as tradições musicais, através de guitarras, bandolins, braguesas ou cavaquinhos. Com vários registos fonográficos que fixam a diversidade do seu trabalho de recolha, o Canto D'Aqui está envolvido na organização de atividades como o Festival Cultural Convergências Portugal-Galiza e o Castro Galaico. Produziu espetáculos que homenageiam figuras como José Afonso e celebram as Canções de Abril.





São João de Braga, uma paixão que move a cidade inteira e não só

“Viver e falar do São João com emoção é algo profundamente característico dos bracarenses.” A frase de Firmino Marques, presidente da Associação de Festas de São João de Braga, não é apenas uma declaração sentida, é reflexo de um enraizamento afetivo e coletivo. Em Braga, o São João vive-se por dentro, com alma, corpo e voz. Com séculos de história e entusiasmo constantemente renovado, aquela que é apontada como a maior e mais antiga festa popular do país promete uma edição memorável, de 17 a 24 de junho, pois decorrerá no ano da Capital Portuguesa da Cultura.

Mas o que torna o São de Braga uma celebração tão especial?

Para Firmino Marques, tudo começa nas pessoas. “Só a força viva das pessoas genuínas da nossa cidade e das nossas instituições é capaz de tornar o São João naquilo que é.” Este é um dos maiores trunfos da festa: o empenho coletivo. São centenas de voluntários, movidos por paixão e orgulho, que integram as equipas de trabalho organizadas pela Associação de Festas. De forma estruturada e incansável, contribuem com o seu tempo e dedicação, assumindo tarefas muito diversas, em várias áreas de interação com a comunidade.

Mais do que uma festa, o São João é um ponto de encontro entre gerações, onde memória e futuro se encontram. “Aprendi com os meus avós e com os meus pais a fazer a visita ao São João, desde o São João do Souto até ao São João da Ponte, parando na ponte para ver as figuras bíblicas que lá se encontram. Ali, encantávamo-nos e compreendíamos, de forma muito especial, a história das festividades e a devoção do povo minhoto pelo São João. É uma tradição que eu e a minha mulher também transmitimos às nossas filhas desde bebés. Repetimos o que fizeram connosco, é fundamental preservar este ritual e esta festa”, conta-nos Firmino Marques.

Com raízes profundas – há registos sanjoaninos desde o século XII –, a tradição não está cristalizada. “A história é o alicerce, mas a festa tem de respirar os tempos de hoje.” Este equilíbrio entre herança e inovação mantém viva a identidade popular do São João, num diálogo contínuo com novas linguagens e públicos.



Das escolas aos grupos culturais, passando pelas associações locais, todos contribuem para uma programação diversa e intergeracional. Exemplo disso são a Aclamação das Flores, uma procissão onde “milhares de pétalas de flores voam até São João, gerando uma ligação única entre todos os presentes e o santo celebrado”, ou os cinco cortejos emblemáticos: o da Mordomia, que abre as festas, o Sanjoanino, com os carros do Rei David, dos Pastores e das Ervas, o Histórico, o Etnográfico e o dos Gigantones. No total, envolvem cerca de 10 mil participantes.

Para além da celebração identitária, o São João tem também uma forte dimensão solidária. Através do Fundo Social Sanjoanino, a Associação apoia causas locais e projetos como o Housing First (Casa Primeiro), da Cruz Vermelha, reforçando a ideia de que “a alegria coletiva também pode (e deve) gerar impacto positivo”.

Outra aposta clara é o envolvimento das gerações mais novas. “Temos de passar o testemunho”, sublinha Firmino Marques. Livros sobre o cancionero, trajes e tradições, oficinas criativas, iniciativas nas escolas e experiências nos cortejos são formas de levar o espírito do São João às crianças e jovens.

A festa não é apenas o que se vê nas ruas em junho, é um processo contínuo de transmissão cultural, feito de exemplos, memórias e vivências. Em Braga, celebra-se com emoção. E com coração.

Quanto à restante programação, Firmino Marques deixa uma garantia: “vai ser um programa fantástico que vai orgulhar todos os bragarense!”

A Associação de Festas de São João de Braga foi criada em 2001, após a unificação dos festejos que se levavam a feito junto à igreja de São João do Souto e à capela de São João da Ponte, em 1983. É a entidade responsável por organizar, preservar e divulgar a identidade histórica e autenticidade daquela que é hoje reconhecida como a Maior Festa Popular de Portugal, o São João de Braga, reflexo vivo da alma e tradição bracarense.



“Biba” o São João de Braga

por André Marcos

Viver o São João de Braga é algo que dificilmente se consegue explicar e que me deixa num misto de entusiasmo, paixão e alvoroço. Desde que assumi funções como secretário da direção da Associação de Festas, em 2019, tenho tido o privilégio – e a responsabilidade – de acompanhar de perto a alma de uma das maiores festas populares de Portugal e os festejos que melhor refletem a identidade da cidade.

Por fora, o São João de Braga é festa, cor, tradição, cheiro a manjerico e a sardinha assada, música nas ruas e multidões a celebrar. Mas por dentro, é muito mais do que isso: é feito de noites em claro, de muitos encontros e reuniões de preparação, de uma equipa incansável, de mecenas e parceiros, de pequenos milagres logísticos e, sobretudo, de um enorme amor à cidade e às suas gentes.

Cada cortejo, cada concerto ou cada arraial são o resultado de meses de trabalho em equipa, muitas vezes invisível. Planeamos com detalhe, mas aprendemos também a improvisar, porque o São João, por mais preparado que esteja, tem sempre espaço para o imprevisível – e é isso que o torna tão autêntico.

Ao longo dos anos, vi esta festa crescer e reinventar-se, sempre com um pé na tradição e outro no futuro. O São João de Braga não é apenas uma festa: tem-se afirmado como um ponto de encontro entre gerações, identidade partilhada e emoção que se sente na pele quando os bombos tocam, os cavaquinhos repicam e o povo dança nas ruas.

E é esse olhar de dentro que me faz, ano após ano, querer continuar a fazer parte desta enorme organização. Porque quando o último foguete rebenta nos céus e as luzes se apagam, o coração já começa a bater pelo próximo São João.

“Biba” o São João de Braga.

André Marcos é licenciado em História e aluno do Mestrado em Património Cultural na Universidade do Minho. É diretor do Grupo Folclórico da UMinho desde 2014, promovendo inúmeras tradições da região. Atualmente desempenha funções de produção e programação na Divisão de Cultura do Município de Braga e é secretário da Direção da Associação de Festas de São João. Em 2024 recebeu o galardão “A Nossa Terra” na categoria Juventude.





qui (feriado), 19 de jun – 15:30
Arco da Porta Nova → Rua do Souto → Praça da República
Inserido no São João de Braga

Arruada Clube Raiz Percussão comunitária bracarense em movimento

Encher as ruas de bombos, caixas e timbalões pode ser uma ação com vários reflexos. A manifestação que se procura é a de festa e de partilha. Uma vibração que trespassará por todos os corpos que se expuserem nas ruas, ao som feito pelo ribombar das peles. A Arruada Clube Raiz tem o percussionista bracarense Rui Rodrigues como diretor artístico e juntará sete grupos de percussão a percorrer ruas de Braga durante as festas da cidade. Será um momento de comunhão entre grupos de percussão, que reflete a vibrante vitalidade local, e muito mais do que uma simples arruada: uma experiência sonora e um espetáculo para além da música. A origem do hábito de agregação para tocar percussão é tão imemorial, que não se consegue precisar quão antigo é. São manifestações que se confundem com o aparecimento da Humanidade, conta-nos Rui Rodrigues. “É milenar e fundamental na história humana”, começa por explicar, “é determinante para a nossa evolução como espécie e fundamental quer no desenvolvimento cognitivo, quer no aspeto da solidificação da coesão social”. Com especial frequência na região do norte de Portugal, os grupos de percussão têm crescido em número e resultam de uma maior atenção que esta prática tem merecido de novas gerações, que descobrem tradições e as renovam, fazendo com que se mantenham vivas e ativas. “Os jovens têm mais interesse em relacionar-se com histórias quando percebem que podem ser cúmplices delas”, diz-nos Rui Rodrigues, que desenvolve trabalho na área da pedagogia e fundou também um grupo de percussão. A arruada do Clube Raiz partirá do Arco da Porta Nova e irá até à Praça da República. Em altura de S. João e em dia de feriado municipal, o convite será para sair à rua, vibrar e dançar ao ritmo marcado pelos tambores.

CURADORIA ILÍDIO MARQUES / BRAGA 25 CAPITAL PORTUGUESA DA CULTURA DIREÇÃO ARTÍSTICA
RUI RODRIGUES PRODUÇÃO RITA MAIA PARTICIPANTES GRUPO EQUIPA ESPIRAL, GRUPO IDA E
VOLTA, GRUPO BOMBART, GRUPO BOMBOÉMIA, GRUPO IPUM, GRUPO BOMBOS COM ALMA E GRUPO ESPINHO
RUFAR PARCEIRO ASSOCIAÇÃO DE FESTAS DE SÃO JOÃO DE BRAGA

Tal como os trovões, o poder de mil tambores ouve-se ao longe

Os grupos de percussão misturam-se com a gente. Há-os por todo o lado e não há festa popular sem um grupo de Zés Pereiras. Segundo o músico percussionista Rui Rodrigues, a denominação de Zé Pereira é indefinida e obscura. Mas, uma canção brasileira chamada “Zé Pereira”, surge associada às celebrações carnavalescas. Rui Rodrigues teoriza que, a partir da forte ligação entre Portugal e o Brasil, os Zés Pereiras poderão estar associados às celebrações populares dos dois lados do Atlântico.

Rui Rodrigues é o diretor artístico da arruada que o Clube Raiz propõe para o dia 19 de junho, juntando sete grupos de percussão, para percorrer Braga, em pleno S. João.

Há uma energia que se transmite pelo ar, a partir das vibrações das peles. “O ritmo forte e marcado mexe com as pessoas, faz o corpo vibrar e transmite emoção” – assegura Cláudio Machado, do grupo Espinho Rufar, um dos grupos que integrará a Arruada.

Desde sempre, os tambores foram usados em rituais e celebrações por causa desse efeito. Há, por isso, algo de espiritual, que não se consegue descrever com facilidade. “Para quem toca, é quase um estado de transe, é algo visceral e profundo, que desperta emoções primitivas” – diz-nos por sua vez Eduardo Ferreira, do iPUM, outro dos grupos que participará na iniciativa.

Percutir uma pele esticada é uma das atividades mais antigas da Humanidade, transmitida ao longo de milhares de anos. “Desde os tempos antigos, a percussão era usada para comunicar, celebrar e marcar momentos importantes”, lembra-nos Cláudio Machado. Associada às manifestações populares, em particular no Minho, com uma elevada concentração de aldeias e freguesias, a percussão surge muito ligada às festas, referem tanto Cláudio, como Eduardo.

Será por isso natural que, por todo o lado, existam charangas, fanfarras, rusgas, orquestras e outros agrupamentos populares associados à música. Segundo o site do projeto Toca a Rufar, existem referenciados 350 grupos de percussão, espalhados por todo o território de Portugal.

Há novas gerações que voltam para as tradições e aderem a grupos de bombos. “Qualquer pessoa pode entrar num grupo de percussão, desde que tenha vontade de aprender e de se dedicar”, garante Cláudio Machado. “O único requisito necessário é a vontade de aprender” – confirma Eduardo Ferreira.







sex, 20 jun – 21:30

Avenida Central

Ana Lua Caiano + Bandua

Neste encontro entre dois nomes fundamentais para a nova vida da música tradicional portuguesa, Ana Lua Caiano e Bandua unem forças para criar um concerto colaborativo que transcende regiões e desafia as expectativas. Em palco, mesclam instrumentos tradicionais com instrumentos modernos, criando uma simbiose musical que dissolve as barreiras do espaço e do tempo. Ana Lua Caiano traz a sua música destemida, que recusa rótulos convencionais, explorando texturas sonoras que transformam ecos da oralidade popular em novas formas de expressão musical. Já Bandua apresenta uma fusão entre o canto profundo e ritualístico de Edgar Valente e a produção refinada de Tempura the Purple Boy, dando corpo a um universo musical onde o passado ecoa no futuro. Juntos, reconfiguram as raízes da música portuguesa para uma nova geração, onde a eletrónica e a tradição se entrelaçam numa simbiose perfeita. O resultado será um espetáculo único, simultaneamente nostálgico e vanguardista, onde a música tradicional portuguesa se reinventa num diálogo sonoro de celebração e comunhão. Inserido nas celebrações de São João, o concerto ganha uma dimensão especial, fundindo-se com a energia vibrante do arraial minhoto.



Considerado como um dos projetos mais rejuvenescentes da música portuguesa da última década, Bandua é o projeto colaborativo entre o músico e produtor luso-brasileiro Tempura the Purple Boy e o cantor e músico português Edgar Valente. A partir do cancionário popular da região da Beira Baixa, este duo reinterpreta-o através de uma fusão entre a *folk* e a eletrônica, à moda do *downtempo* berlinense, resultando numa melancolia pop eletrônica tendo a língua portuguesa como base.





Ana Lua Caiano explora a fusão musical através da junção da música tradicional portuguesa com música eletrónica, criando melodias que remetem para a tradição, numa união com sintetizadores, *beat-machines* e sons retirados do quotidiano. A sua música tem sido reconhecida nacional e internacionalmente, tendo estado nomeada para os NME Awards e distinguida com o prémio Artista Revelação nos PLAY - Prémios da Música Portuguesa.

De coração aberto para um encontro único em Braga

Ana Lua Caiano + Bandua

Mão na mão / Mão no pé / Pão na boca / Pé no chão. Damos por nós a trautear esta música o dia inteiro. Voltamos a ter 10 anos e estamos no recreio da escola a fazer jogos com palmas e coreografias sincronizadas – se alguém se engana, temos de começar tudo de novo. Estamos nesta alegria infantil, num estado de leveza guiado pelo ritmo contagiante e animado das músicas, até começarmos a ouvir as letras com atenção: *Se dançar é só depois / Para já, já estou morta / Morta para ir dormir / Dormir pra amanhã voltar.* Aí, já nos sentimos mais adultas e as palavras ressoam com muitas das preocupações que nos tiram o sono: o ritmo frenético do trabalho, a crise da habitação, a instabilidade, os bichos que andam por aí, para além dos vírus.

Há algo de hipnótico nas canções de Ana Lua Caiano. Começamos a ouvir e, sem darmos conta, já estamos presas na repetição, na cadência, na mensagem.

No caso de Bandua, há uma espiritualidade difícil de traduzir em palavras, que nos transporta para momentos especiais, como quando chegávamos a casa depois da escola e percebíamos que tínhamos perdido a lancheira. Contávamos à avó, e ela, tranquila, dizia para não nos preocuparmos: “Vou já dizer o responso a Santo António. Descansa, filha, o Santo António nunca nos falha.” E, de facto, tudo o que desaparecia acabava por reaparecer. Nunca falhou. É este tipo de crença e de mistério que nos envolve ao ouvir, por exemplo, Senhora dos Remédios: *Senhora dos Remédios / Tem o remédio na mão / Para curar o meu mal / Que trago no coração.* Quando a voz de Edgar Valente entoia estas palavras, sentimos, de alguma forma, que os nossos males também hão de ser curados. Ele e Bernardo “Tempura the Purple Boy” D’Addario formam os Bandua, dupla que tem explorado o cancioneiro da Beira Baixa e o trouxe para o presente, embalando-o na eletrónica *downtempo* berlinense. O resultado é mágico. Cidade e campo fundem-se numa paisagem sonora onde o misticismo das raízes se entrelaça com um ritmo contemporâneo.



Ana Lua Caiano e Bandua são dois dos mais interessantes projetos da música portuguesa da atualidade. Embora habitem universos musicais distintos, exploram a tradição sob uma lente contemporânea. O Clube Raiz desafiou-os a unir perspectivas num espetáculo inédito. O que poderá nascer deste encontro?

Ainda numa fase muito inicial deste processo, há algo que já é evidente: o entusiasmo por esta colaboração é mútuo. Para Bernardo D'Adario, “o lado mais excitante de fazer música vem da cooperação. É no encontro de linguagens que a magia acontece, e é isso que nos põe os olhinhos a brilhar”. Edgar Valente reforça: “Durante o processo criativo, entregamo-nos ao ponto de nos perdermos, para nos voltarmos a encontrar. Acho que o entusiasmo que sentimos vem precisamente dessa entrega, da vontade de irmos para aí.” Para Ana Lua Caiano, a colaboração é uma oportunidade para “cruzar perspectivas e de ver como é que outras pessoas trabalham”. “Ainda bem que nos fizemos esta proposta, o nosso trabalho tem muitos pontos em comum e acho que esta experiência vai ser muito boa. Talvez criemos uma nova linguagem juntos, vamos cruzar tudo e, de alguma forma, criar algo diferente, uma terceira coisa, possivelmente.”

E que forma terá essa *terceira coisa*? “Ainda não sabemos! Para já, ainda está tudo numa névoa”, brinca Bernardo. “Cada região tem uma história e uma quantidade incrível de músicas. Vamos, certamente, deixar-nos influenciar por essas sonoridades e elementos mais locais. Agora estamos nesta fase de exploração e de estudo”, partilha Ana Lua.

O cancionero minhoto, a região e as suas tradições, bem como o próprio São João de Braga, serão uma forte inspiração. Para além dos vários instrumentos que os artistas já dominam, como o bombo – também muito tocado no Minho –, o brinquinho da Madeira ou “uma espécie de tracanholas” com pedras do rio, tocados por Ana Lua, ou os adufes beirões e os pandeiros mirandeses, usados por Bandua, a voz pode tornar-se um “novo instrumento”. “No Minho existe essa tradição forte do cantar polifónico a três vozes. Pode ser também um elemento curioso vermos como é que as nossas vozes encaixam. Como somos três, quem sabe se as nossas vozes podem convergir”, sugere Edgar, realçando que continuamos no campo das suposições. Mas, neste clima de conjecturas, uma grande ideia ainda estava por chegar:

Revista Raiz

Depois desta nossa conversa, fico com a sensação de que poderão sair daqui outras colaborações, quem sabe.

Ana Lua Caiano

Sim, quem sabe...

Bernardo D'Addario

Quem sabe se vem aí um o EP da colaboração BaLua!
[risos]

Ana Lua Caiano

Já temos nome!
[risos]

Edgar Valente

Ia fazer exatamente a mesma piada!
[risos]

Bernardo D'Addario

Um EP, três músicas, BaLua – já está aqui tudo montado!

Edgar Valente

É tudo especulação, tudo especulação...
[risos]

Ficamos com uma certeza: esta fusão de talentos promete um espetáculo verdadeiramente único.

Festival Castro Galaico

O Norte e a Galiza em união de facto

As fronteiras são um artifício. Quando não há nada que ostente o limite onde acaba um território e começa outro, as fronteiras são linhas permeáveis. O que existe de um lado, pode em potência existir do outro. Tal é facilmente constatável quando conhecemos as gentes da raia, para quem a fronteira é totalmente negligenciável. Se há aspeto que permeia uma região raiana é a cultura, que ali se torna numa matéria indiferenciada de um lado e do outro, como se se tratasse um único território.

Se recuarmos até à Idade do Ferro e às povoações que ocupavam o noroeste peninsular, encontramos a figura dos brácaros, que antecede a chegada dos romanos dominadores. É a essa época que anualmente se recua, a cada edição do Castro Galaico, no alto da Nossa Senhora da Consolação, na freguesia de Nogueiró, em Braga. Este lugar é uma espécie de protuberância geológica que passa facilmente despercebida a quem não conhece. De um lado, avista-se numa perspectiva de meia encosta, o Bom Jesus do Monte e, no outro flanco, o Sameiro, mais distante. A poente, a grande massa construída que caracteriza o vale de Lamações, onde serpenteia o Rio Este. Um cenário que contrasta com este santuário natural, onde todos os anos ocorrem milhares de entusiastas para participar no festival e recriação histórica, que nos lembra das origens celtas e galaicas.

O Castro Galaico é uma festa que conta já com treze edições. Tem música, tem teatro. Tem comida e bebida, pois claro. Conta-nos Jaime Torres, um dos organizadores, que a ideia de criar o festival consolidou-se com Armando Carvalhêda, notável e respeitado divulgador de toda a música portuguesa. Terá dito que, com tantos grupos de música tradicional, faria sentido que acontecesse um festival e que aquele seria um belo local. O radialista foi lembrado e homenageado durante a edição de 2024. Um desses grupos de música tradicional é o Canto D'Aqui, que participa na sua organização desde a primeira edição juntamente com a Junta de Freguesia de Nogueiró.



“A pronuncia do Norte é uma marca de que todo este território, que era ocupado por um único povo”, diz-nos o presidente da junta João Tinoco. O festival foca-se na música de raiz, com fortes relações com as origens deste território, que vai até à Galiza. A ligação à região autónoma do noroeste de Espanha deu-se inicialmente por iniciativa da organização. Hoje, o festival conta com o apoio da Junta da Galiza, que ajuda a financiar o evento. O parlamento da Galiza votou uma resolução que visa a aproximação à lusofonia. Nas últimas edições do Castro Galaico, o cartaz tem propostas que vêm do lado de lá da fronteira.

Durante os três dias, o festival, que conta com artistas renomados do panorama da música tradicional, junta muita música, gastronomia e recriação histórica com a participação da população da freguesia. Na edição deste ano, que acontece nos dias 10, 11 e 12 de julho, com entrada livre, estão confirmados os portugueses Galandum Galundaina e o grupo galego Treixadura. Dentro das recriações históricas está prevista uma encenação de um casamento celta, a Leitura do Esconjuro e a Queimada Galega. Tudo em nome da boa disposição e da amizade e, segundo os seus organizadores, sempre tendo presente o propósito de unir a “nação galaica” do Minho e da Galiza.

Programa da XV Edição Castro Galaico

Os Melidaos (Galiza)

QUI, 10 JUL - 21:30
PALCO ANTENA 1

CANTUM

Grupo de Cante Alentejano da Universidade do Minho

QUI, 10 JUL - 22:30
PALCO CAPELA

Ensemble Provinciano & NEFUP

Núcleo de Etnografia e Folclore da Universidade do Porto apresentam “À Roda pelas Estações”

QUI, 10 JUL - 23:00
PALCO ANTENA 1

Feiticeiros da União

Espetáculo de Fogo

QUI, 10 JUL - 24:00

Arruada: Toca a bombar, pelos Boamboémia

SEX, 11 JUL - 21:15

Grupo de Música Popular da Universidade do Minho

SEX, 11 JUL - 21:30
PALCO ANTENA 1

Tuna Universitária do Minho

SEX, 11 JUL - 22:30
PALCO CAPELA

Sebastião Antunes & Quadrilha

SEX, 11 JUL - 23:00
PALCO ANTENA 1

Conversa e showcase com Daniel Pereira Cristo

(parceria com Sons do Noroeste – Festival de Música)

SÁB, 12 JUL - 18:00

Apresentação do livro CD “40 anos Canto D’Aqui” (Tradisom)

SÁB, 12 JUL - 19:00
PALCO CAPELA

Grupo Canto D’Aqui: 40 anos

SÁB, 12 JUL - 21:30
PALCO ANTENA 1

Cerimónia Celta

Grupo Teatro da União

SÁB, 12 JUL - 22:30
PALCO CAPELA

Galandum Galundaina

SÁB, 12 JUL - 23:00
PALCO ANTENA 1

Queimada Galega e Leitura do Esconjuro

SÁB, 12 JUL - 24:00



Festival Sons do Noroeste

Música que une territórios e abre caminhos

O Sons do Noroeste está de regresso com uma programação que cruza tradição e modernidade. Mais do que um festival de música, afirma-se como um espaço de criação artística e cruzamento de culturas, desafiando músicos a dialogarem com o património sonoro e a reinterpretá-lo à luz do presente. “O nosso dever enquanto geração atual é de reconstruir e mostrar que a música tradicional pode ser reinventada com rigor, com ambição artística e com identidade”, afirma Daniel Pereira Cristo, músico e membro da Arca de Sons, entidade que organiza o evento em parceria com o Município de Braga.

Nascido em 2021, no âmbito da Braga Capital da Cultura do Eixo Atlântico, o Sons do Noroeste tem como ponto de partida a herança musical entre o Norte de Portugal e a Galiza, e é essa matriz que orienta a programação deste ano, que junta novas leituras do repertório tradicional com encontros entre músicos dos dois lados da fronteira.

As grandes apostas artísticas concentram-se nos dias 24 e 25 de julho.

No dia 24, sobe ao palco o espetáculo *Ecos da Terra*, com direção artística de Helder Costa e produção de Carla Mendes. A partir do cancionero recolhido pelo etnógrafo minhoto Gonçalo Sampaio, cantautores da nova geração reinterpretem sons seculares com novas composições. “Queremos falar de raiz e de identidade, mas com olhos de contemporaneidade”, diz Daniel. “É possível fazer coisas incríveis com a nossa música, há muita matéria para isso. Temos de desafiar os músicos certos e olhar para as coisas com muito rigor, e foi isso mesmo que fizemos neste *Ecos da Terra*.” O concerto contará também com um coro comunitário de 40 pessoas, num gesto simbólico de união entre culturas e gerações.

A 25 de julho, a Galiza vem até Braga com a Orquestra Folk Sonde-*Seu*, que se irá juntar a convidados especiais para um concerto que promete ser arrebatador. Mais de 50 músicos estarão em palco para celebrar a cultura galaica com energia renovada e um olhar contemporâneo.

Uma das novidades desta edição é o programa de antecipação, que se espalha pela cidade antes dos dois dias principais. A 12 de julho, Daniel participa no Festival Castro Galaico para apresentar o Sons do Noroeste e o seu novo álbum, *Malva Globo*, celebrando 10 anos de carreira. No dia 20, a Praça Braga25 recebe uma oficina de danças europeias e um baile-concerto com a banda Flor da Pele. No dia 23, o Grupo de Música Popular da Universidade do Minho orienta uma tertúlia-concerto dedicada à juventude e aos instrumentos identitários.

Daniel considera o Sons do Noroeste um gesto de resistência contra a uniformização cultural. “Se fizermos o que todos os outros fazem, estamos a perder os traços que nos distinguem”, alerta. “A música de raiz é uma das formas mais belas de contribuirmos para a diversidade e para o autoconhecimento, por isso é fundamental continuarmos a dar vida a estes projetos.”

Pensado também para quem escolheu Braga para viver, o festival assume uma dimensão pedagógica e afetiva: mostrar com generosidade o que nos distingue enquanto cultura viva, e lembrar que, ao valorizar as nossas raízes, cultivamos também uma sociedade mais plural, consciente e aberta.

Programa Sons do Noroeste – Festival de Música

Daniel Pereira Cristo – conversa e showcase sobre o disco Malva Globo e os 10 anos de carreira + apresentação do programa Sons do Noroeste

Festival Castro Galaico – Música e Tradição
SÁB 12 JULHO 2025 – 18:00
MONTE DE NOSSA SENHORA DA CONSOLAÇÃO, NOGUEIRÓ
ENTRADA LIVRE

Flor da Pele – oficina de danças europeias e baile concerto

DOM, 20 JULHO 2025 – 17:00 E 18:30
PRAÇA BRAGA 25 (PRAÇA CONDE DE AGROLONGO)
ENTRADA LIVRE

Tertúlia / Concerto “Os Jovens e a Música e Instrumentos Identitários”

Com Grupo de Música Popular da Universidade do Minho e convidados

QUA, 23 JULHO 2025 – 21:30
PRAÇA BRAGA 25 (PRAÇA CONDE DE AGROLONGO)
ENTRADA LIVRE

“Ecos da Terra” (estreia)

Espetáculo com direção de Helder Costa e coro de 40 pessoas

QUI, 24 JULHO 2025 – 21:30
PRAÇA DO MUNICÍPIO
ENTRADA LIVRE

Orquestra Folk SondeSeu (Galiza) e convidados

SEX, 25 JULHO 2025 – 21:30
PRAÇA DO MUNICÍPIO
ENTRADA LIVRE

O triunfo da terceira função

Vou ficar neste quadrado Ana Lua Caiano

Nesta edição, Armando Sousa propõe-nos o segundo disco de quatro que selecionou para a revista Raiz – quatro visões ecléticas sobre o local e o tradicional da música portuguesa, convocando-nos para a sua audição.





Parece contraditório, mas é a canção *Ando em círculos* que resume a essência do álbum de estreia de Ana Lua Caiano, *Vou ficar neste quadrado*. À imagem de um exercício geométrico de circular repetição e sobreposição, este disco é sobre andar às voltas dentro de certos limites. Se, como dizia Igor Stravinsky, a liberdade é tanto maior quanto mais limitado é o campo de ação, não menos importante é usar o resultado dessa equação para elevar o verbo à sua condição decisiva.

Num prefácio para *A Sibila*, Gonçalo M. Tavares escreve que as personagens de Agustina Bessa-Luís “elevam-se por via das frases definitivas”, para quem uma sentença é mais importante do que a sua condição física, numa luta social que é sobretudo verbal. Agustina era uma mulher do norte e as suas personagens são verdadeiras matriarcas.

Em nenhuma zona de Portugal o papel da mulher foi tão predominante como no norte do país, mais concretamente no Minho. Da sua participação nos trabalhos agrícolas à valorização da sua opinião na esfera pública, passando pela própria transmissão dos bens, estudada por Margarida Durães, este fenómeno histórico está intimamente relacionado com o facto de a guerra ter deixado de ser o modo de vida no Minho a partir da Idade Média. Desta forma, a função feminina triunfou sobre a guerreira e a reprodução e a repetição prevalecem desde então no Minho, não só através da sua composição social mas também no legado artístico, sobretudo românico e barroco.

Fazendo-se valer de um instrumental apoiado pelo cruzamento de breves referências vernaculares e *loops*, a repetição é a forma geométrica onde entram as voltas das frases decisivas de *Vou ficar neste quadrado*. Além da já referida *Ando em círculos*, outro exemplo é o do single *Deixem o morto morrer*, onde cada um dos elementos respeitam um imperativo de ordem para depois se entrelaçarem com a poética do movimento das carpideiras.

Assim, entre a repetição dos sons e o definitivo das palavras, Ana Lua Caiano gravou um disco sobre o triunfo do feminino e da reprodução na História.

Clube Raiz

- Curadoria
Ilídio Marques
- Produção
Rita Maia
- Coordenação técnica
José Pedro Caldas

Revista Raiz

- Coordenação editorial
Luís Nobre
- Redação
Cláudia Lomba
Paulo Dumas
- Design
Design by OOF
- Fotografia
Lais Pereira
Município de Braga (p. 40)
- Capa e contracapa
Miguel Gonçalves
Grupo Folclórico da
Universidade do Minho
- Impressão
Lidergraf -
Sustainable Printing
- Tiragem
3.000 exemplares
- Depósito legal
541631/24

www.braga25.pt

A Equipa de Missão da Braga 25 resulta da colaboração entre o Município de Braga e a Faz Cultura - Empresa Municipal de Cultura de Braga, E.M.

Braga 25 Capital Portuguesa da Cultura

- Coordenação Executiva
Joana Meneses Fernandes
- Coordenação programa artístico
Luís Fernandes
Ilídio Marques
Sara Borges
Maria Inês Marques
- Gestão de projeto
Ana Brito
- Produção
Natacha Correia
Carolina Cardoso
- Mediação
Cláudia Cibrão
- Comunicação
Samuel Silva
Mariana Volz

Câmara Municipal de Braga
Divisão de Cultura do
Município de Braga

Agradecimentos

- Ana Lua Caiano
- André Marcos
- Ao Sul do Mundo
- Produtores Associados
- Associação de Festas
São João de Braga
- Bandua
- Comissão de Festas da
Nossa Senhora do Carmo
- Daniel Pereira Cristo
- ETA (Empresa Técnica
Agrícola)
- Firmino Marques
- Festival Castro-Galaico
- Festival Sons do Noroeste
- GFUM - Grupo
Folclórico da
Universidade do Minho
- Jaime Torres
- Junta de Freguesia de
Arentim e Cunha
- Miguel Gonçalves
- Rui Rodrigues

Promotores



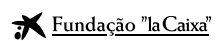
Cofinanciamento



Parceiro institucional



Com o apoio





BRAGA25
CAPITAL
PORTUGUESA
DA CULTURA